



BASES FILOSÓFICAS DO PENSAMENTO FREIREANO

Matheus Rodrigues de Moura
Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)
matheus.philosophia@gmail.com
Débora Cristina Aparecida Soares
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG)
deborafisic@gmail.com

Eixo: 5 - Saberes e Práticas Educativas

Palavras-chave: Freire; Pedagogia; Dialética; Liberdade; Consciência

Resumo

Este trabalho busca analisar as influências do pensamento de autores da tradição dialética na pedagogia de Paulo Freire. A partir dos textos *Educação como prática da liberdade* (1967) e *Pedagogia do oprimido* (1987), procurou-se analisar as influências de autores como Hegel, Marx e Eric Fromm em conceitos centrais da obra freireana: relação opressor/oprimido, e transitividade da consciência. A ideia é mapear o caminho trilhado por Freire, o que ele adotou, o que ele suprimiu, o que ele adaptou e como ele traduziu a filosofia europeia para a realidade latino americana. A partir dos estudos, espera-se fundamentar uma melhor compreensão dos conceitos freireanos que orientam a práxis de vários educadores em busca de uma educação que construa um novo mundo, libertado da opressão e da ignorância.

Introdução

Nas escolas contemporâneas, com seus currículos, orientações, legislações e documentos oficiais, muitas vezes nos esquecemos de qual seria o objetivo primeiro da educação; não só o objetivo prático, que seja, preparar para o mercado de trabalho, ou para os vestibulares ou até mesmo para a “cidadania”, mas aquilo de mais íntimo, transformador e “social” da prática educativa, que podemos traduzir por consciência, autonomia, ou formação integral. Os maiores educadores, independentemente de seu tempo, ou espaço, sempre tem/tiveram esse horizonte em vista e por isso mesmo, marcam a indissociabilidade entre a vida e a educação. Educar apenas como método seco, sem espírito, sem vinculação com a práxis ou ainda sem afetação mútua, não passa de uma expressão engessada do que seria a educação, ou formação no sentido mais nobre e mais social do termo.

Tendo em conta essa preocupação, da qual se ocuparam diversos, filósofos, pedagogos e pensadores da educação, o que se pretende a partir do trabalho aqui apresentado é ser radical, como queria Freire, como queria Heiberle Hirsberg Horácio, como Eric Fromm e tantos outros que dedicaram as suas vidas ao ato de educar. Radicalidade, na perspectiva desses “é sempre criadora, pela criticidade que a alimenta (...) é crítica, por isto libertadora. Libertadora porque, implicando no enraizamento que os homens fazem na opção que fizeram, os engaja cada vez mais no esforço de transformação da realidade concreta, objetiva” (Freire, 1987, p. 15).



Nesse sentido, o trabalho que se segue procura pensar a radicalidade, e para isso, pensar além das partes que compoem o mundo, pensar o próprio sujeito, com sua capacidade de entender o mundo, as formas de percepção que este têm do mundo, as relações que atravessam e moldam essa percepção. Portanto, na medida em que a educação, a verdadeira educação, não a dos educadores bancários e sectários, é a educação da radicalidade, da liberdade e da autonomia, essa educação não pode ser apenas transmissão, é uma transformação da consciência.

Justificativa e problema da pesquisa

O trabalho se justifica pela necessidade de pensar/repensar e reorganizar a nossa prática educativa, não como uma receita, mas como um processo de educação da consciência. A exemplo do próprio Paulo Freire, a ideia não é copiar métodos, procedimentos e tarefas, mas pensar a partir dos princípios da educação, atingindo o que precede atem mesmo o processo educativo, a formação da consciência. Entendemos que só é possível a educação para a liberdade, para a autonomia e para a democracia, na medida em que se compreende que a formação da consciência, além de um processo pedagógico é também, e sobretudo, um processo social. Munidos da noção freireana de radicalidade o problema se apresenta: Como as filosofias de Hegel, Marx e Fromm são traduzidas e articuladas na obra freireana, considerando as especificidades históricas e sociais da América Latina? Tentar responder a essa questão pode nos ajudar a compreender o diagnóstico feito por Freire em sua época, e nos auxiliar na construção de uma nova educação que realmente construa um novo mundo.

Objetivos da pesquisa

Este trabalho tem como objetivo analisar as bases filosóficas do pensamento de Paulo Freire em suas obras *Educação como Prática da Liberdade* (1967), e *Pedagogia do Oprimido* (1987), para isso se desdobra em três objetivos específicos: [1] explicar a apropriação da dialética do senhor e do escravo na relação opressor-oprimido e no conceito de consciência; [2] identificar os pontos de aproximação e distanciamento entre a luta de classes e a noção de oprimido; e [3] relacionar a noção de “medo à liberdade” de Erich Fromm com a proposta freireana de conscientização e educação libertadora.

Referencial teórico que fundamenta a pesquisa

O trabalho se fundamenta a partir de dois textos centrais da obra de Paulo Freire, a saber, *Educação como Prática da Liberdade* (1967), e *Pedagogia do Oprimido* (1987), a partir deles procurou-se identificar as influências que determinaram o caráter dialético da pedagogia e filosofia freireana, nos remetendo aos trabalhos de Hegel (2004) e de Eric Fromm (1960), bem como ao marxismo, como é demonstrado por meio de comentadores.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa foi produzida por meio de pesquisa bibliográfica, seguindo uma abordagem qualitativa. Foram analisadas as obras *Pedagogia do Oprimido* (1987) e *Educação*



como *Prática da Liberdade* (1967) – bem como textos filosóficos de Hegel (2004), Marx (por meio de comentadores) e Erich Fromm (1960), além de dicionários, dissertações e artigos especializados listados nas referências. A escolha do material se deu por afinidade com a temática, em outras palavras, foram buscados textos acadêmicos que tratassem das ligações entre Freire e a tradição dialética.

A pesquisa se orientou por uma interpretação dialética dos textos, buscando aproximações, distanciamentos e adaptações em relação aos autores. A pesquisa apresenta duas partes, a primeira faz apontamentos sobre conceitos na pedagogia de Paulo Freire, a segunda parte tenta mapear e pensar a partir dos textos que possivelmente influenciaram Freire na construção do seu próprio pensamento.

Análise dos dados e resultados finais da pesquisa

O pensamento de Freire

Personagem chave de nosso trabalho, Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997) foi um dos mais importantes educadores da história do Brasil, sua trajetória intelectual que começa como monitor auxiliar no Colégio Oswaldo Cruz em Recife, e se estende até o final da sua vida, revelando uma verdadeira vocação para o exercício do educar. Sempre voltado à uma educação democrática, defendeu sua tese de doutoramento em 1959, sob o título *Educação e Atualidade Brasileira*, e em 1964 devido ao Golpe Militar, e às ideias defendidas por ele, teve seu trabalho considerado como subversivo e foi preso por 75 dias e exilado no período da Ditadura Militar.

Nesse período de exílio no Chile escreveu seu primeiro livro *Educação como Prática da Liberdade* (1967), que livro que trouxe o reconhecimento internacional de seu nome enquadrando-o nos currículos de formação de professores em países como Chile, Argentina, México e Estados Unidos. No ano seguinte ele escreve a *Pedagogia do Oprimido*. Após esse período a produção do autor se multiplicou bastante, mas destacamos aqui apenas essas duas obras, que serão vistas com mais intensidade no nosso trabalho.

O autor, imbuído dos ideais de sociedade e escola democrática, faz a crítica da sociedade brasileira, e do sistema educacional de sua época, trazendo uma proposta inovadora de educação, voltada não para o processo de transmissibilidade em si mesmo, mas para uma consciência que se vê adormecida, nos processos de transmissibilidade tradicionais de sua época:

A centralidade da alfabetização está em garantir que as palavras geradoras que organizarão o processo de ensinar sejam oriundas da realidade dos alfabetizandos(as), dos grupos populares, sendo assim, forma-se o que Freire denomina de universo vocabular, carregados de experiência existencial. (STRECK, REDIN, ZITKOSKI, 2008, p. 57)

Para tanto, o método de Paulo Freire de alfabetização não se sustentava em uma transmissão de conteúdos vazios ou previamente selecionados por força de um academicismo, mas pela construção de um saber que se orienta obviamente pela teoria, mas sendo envasado da vivência do educando, o que produz por sua vez, um saber voltado às suas necessidades e problemas enquanto cidadão e membro da sociedade, orientando a práxis social e política. Nessa perspectiva o autor de *Pedagogia do Oprimido*, critica a forma como a educação era transmitida nas escolas, evidenciando um modelo bancário de educação:



Eis aí a concepção bancária da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, os guardá-los, arquivá-los (...) No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção “bancária” da educação. Arquivados, porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta destorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. (Freire, 1987, p.33)

Por modelo bancário entendemos todas as formas de transmissão de conteúdo hierarquicamente verticais, onde há um aluno visto como inferior e passivo que recebe os conteúdos e um professor que é visto como superior, o detentor do saber, que exerce a sua atividade depositando ou despejando os conteúdos nos seus inferiores alunos. Apenas fora dessa concepção bancária que se traduz como internalização metodológica educacional dos processos de opressão social, existe a possibilidade de uma educação que realmente faça sentido e contribua para uma sociedade mais justa.

Nos atentamos acima de forma explícita à apresentação desse modelo tradicional de educação como forma de replicação da opressão como forma de antepassar o a relação dialética entre oprimido e opressor em Pedagogia do Oprimido. Como veremos adiante, a obra de cunho pedagógico é além disso uma obra essencialmente dialética. Segundo o autor, as relações sociais que se apresentam no país são relações de opressão, onde temos uma pequena elite, que subjuga a grande parte da população, mormente pobre e desescolarizada. Segundo Freire, só podemos quebrar essa cadeia de opressão, se libertarmos a ambos, oprimidos e opressores. Entretanto, essa libertação só é possível através de uma educação libertadora, que por sua vez, não se viabiliza de maneira alguma, segundo as velhas metodologias que as instituições predominantemente bancárias aplicam. Destarte, a educação libertadora seria um processo de libertação e superação dessa dialética oprimido/opressor, aplicada à escola, e construído tanto por educadores, quanto educandos. Vale destacar adiante, o papel da consciência nesse processo.

No texto *A Sociedade Brasileira em Transição*, Freire, atento às condições socio-históricas do país, sugere a transição da sociedade fechada para uma sociedade aberta. A primeira, sociedade fechada, refere-se à impossibilidade de diálogo, e a falta de liberdade, provenientes de nosso passado colonial, e de um presente autoritário, mas que por sua vez pode abrir se transformar em uma sociedade aberta, e de diálogo, o que nos remeteria a (re)democratização, e a substancialidade dessa democracia. Sob esse mesmo raciocínio, o autor nos esclarece sobre a existência de uma movimentação das formas de consciência, sendo que assim como essas sociedades (e sobretudo implicando e implicadas a elas) as consciências também se transformam. No mesmo texto acima citado o pedagogo elenca três formas de consciência.

A primeira forma de consciência, a intransitiva, é “a condição do ser humano que está imerso em sua realidade e que ainda não tem a capacidade de objetivá-la” (Streck, Redin, Zitkosky, 2008, p. 154), ou seja, nesse grau de consciência, típico de sociedades fechadas, o homem, ou a mulher, se relacionam com o mundo de maneira imediata, sendo a sua vida afetada constantemente pela luta pela subsistência, e somente pelo caráter biológico da vida, dessa forma, a reflexão, a observação e a contemplação sobre a vida e as relações sociais estão fora das competências dessa consciência que se volta apenas para as necessidades mais básicas da vida humana. Contudo, sobre a vocação do ser humano para o ser mais, e pela sua



inspiração fenomenológica no que concerne a intencionalidade da consciência, o autor constata que a consciência humana é dotada de uma certa abertura, podendo assim, ampliar seu horizonte perceptivo e se abrir gradativamente, alcançando outros níveis de consciência.

Uma vez atingida essa abertura para além do biológico, atinge-se a transitividade da consciência, aqui o indivíduo já é capaz de fazer esse transito conceitual, ou essa mediação sujeito/objeto, agora ele reflete, mas devemos nos atentar para algo importante; essa transitividade não confere a ele automaticamente uma compreensão elaborada e crítica do mundo, mas deve ser trabalhada para tal, tendo em vista que se não observada essa exigência, o indivíduo permanece num estado de consciência transitivo-ingênua, ou seja um estado onde é capaz de enxergar as contradições sociais, mas não é capaz de desvelá-las, suscetível às ideologias, e ao sectarismo. Assim, a consciência transitivo-ingênua é campo perfeito para as manobras ideológicas e à conversão à posturas fanáticas. Portanto é preciso lapidar, mesmo a consciência transitiva, para um grau mais aguçado de percepção.

Por conseguinte, Freire denominou a forma mais avançada de consciência por consciência transitivo-crítica. Esta aflora a partir do diálogo e da elaboração, da mediação entre consciência e objeto, na reflexão e no diálogo, podendo assim propiciar uma percepção que decodifique as relações sociais, através de explicações causais, não recorrendo mais às fontes de mistificação. Para o autor, somente a partir dessa consciência é possível a construção de uma sociedade verdadeiramente aberta e democrática.

Bases filosóficas do pensamento freireano

A pedagogia de Freire é produzida a partir de não apenas uma miscelânea, Freire tem a intenção de traduzir essas abordagens ou elementos filosóficos adaptando-os à práxis de luta social no Brasil, dos quais ele se utiliza, entretanto não tem pretensão de adotá-los de forma rígida ou ortodoxa. Por esse motivo, ele consegue mesclar, elementos do marxismo e neo-marxismo, do neo-tomismo, do existencialismo, do decolonialismo e do hegelianismo. Tomaremos aqui como objetos de análise, alguns indícios da influência do hegelianismo e do marxismo no pensamento freireano.

Hegel e Freire

Ao estudarmos a obra *Pedagogia do Oprimido* (1987) podemos facilmente identificar que o fio condutor da proposta freireana é a relação dialética entre oprimidos e opressor. Os opressores que exploram e subjugam, necessitam do trabalho dos oprimidos para a manutenção de sua condição social, enquanto os oprimidos, em sua condição de economicamente inferiores se deixam subjugar, por necessitarem de um salário, ou de algo que garanta as suas condições básicas de subsistência.

Dessa forma, se encararmos a proposta de Freire hegelianamente, podemos encontrar semelhanças de sua dialética oprimido/opressor com a dialética senhor/escravo que temos em Hegel. A Dialética do senhor e do escravo de Hegel trás como problema principal a questão da consciência-de-si, na relação dialética que se desenha entre senhor e escravo, o senhor que vive para si, que domina e comanda, tem a consciência-de-si, e do outro, de forma que ao dominar, coisifica o outro, o escravo que por sua vez não vive para si, vive para o senhor, e não para si próprio. O escravo, coisificado, não tem a consciência de si, permanecendo assim na condição de serviçal de uma consciência outra. “uma, a consciência independente para a



qual o ser-para-si é a essência; outra, a consciência dependente para a qual a essência é a vida, ou o ser para um Outro. Uma é o senhor, outra é o escravo” (HEGEL, 2005, 147).

Seguindo nessa linha de raciocínio, o senhor se utiliza do escravo, para que este trabalhe a natureza, transformando-a em algo próprio para o seu consumo. O escravo o faz, entretanto, não o faz de maneira autônoma, mas faz por estar submetido à outra consciência. Essa situação onde o senhor não se relaciona com a natureza, se torna um problema para aquele que domina, pois este não tem as habilidades necessárias para produzir o objeto de seu consumo, e se torna dessa forma dependente do servo. A relação de submissão só pode ser quebrada quando o servo percebe essa dependência e a utiliza em seu favor, transformando-se em senhor, e subjugando o antigo senhor, transformando-o em servo. Apesar de ser feita essa inversão de “papeis” é importante ressaltar que a estrutura dialética continua a mesma, calcada na mesma relação de dominação, e se replica várias e várias vezes.

O problema central da dialética do senhor e do escravo de Hegel é a questão da consciência, o que é amplamente discutido também na teoria freireana. Só é possível a saída da condição de servo, a partir da tomada de consciência de sua condição servil, mesmo sendo ele quem possibilita a relação, saciando as necessidades do senhor. Em analogia, o problema da relação oprimido/opressor também é pautado no problema da consciência. Somente a partir da consciência transitivo-crítica é possível a quebra da estrutura de dominação.

A inversão operada na dialética do senhor e do escravo se aproxima ainda mais do pensamento freireano pois, ao alterarmos os polos de dominação e conservarmos a estrutura, estamos replicando a consciência do opressor, introjetada no oprimido. Para Freire, uma educação que não conduza o à uma consciência transitivo-crítica, apenas conservaria a mesma estrutura social de dominação, de forma que o oprimido se educaria para um dia poder ser um opressor, o que acontece é que o oprimido, visto em analogia com o servo, adquire uma consciência transitivo-ingênuo, o que muda sua condição individual, não as condições sociais.

Freire e o marxismo

O materialismo histórico-dialético, tal como elaborado por Marx e Engels, é importante chave de leitura para a teoria freireana. Visto como a inversão e aprimoramento da dialética hegeliana, o materialismo histórico-dialético pressupõe o determinismo das condições sociais em sua origem material. Segundo essa interpretação, todas as condições sócio-históricas são condicionadas por processos materiais e suas reverberações tanto na infraestrutura social quanto na superestrutura. A partir dessa ideia central, Marx caracteriza a disputa pelo consumo e produção material como o principal mecanismo de desenvolvimento histórico, instituindo a luta de classes como motor da história.

Quando tomamos como ponto de partida a noção de que Freire pretende traduzir, ou seja, transpor os elementos filosóficos para a realidade latino-americana, se torna mais fácil entender essa influência da luta de classes na teoria freireana sem reduzi-la à mero mecanicismo economicista:

O oprimido é uma categoria diferente do subalterno europeu, concebido na luta de classes europeia: se desse lhe roubaram os modos de produção, o capital; daquele, além de ter sido usurpado de seus modos seculares de produção, foi impedido de dizer e criar sua própria história, impedido de ser, posto em condição ontológica de inferioridade, dessa forma naturalizado nas relações (de)formadoras de colonização. A luta de classes na América Latina, como nos leva a crer Freire, sem olvidar de sua



base econômica e material de opressão, trata da luta por realizar-se ontologicamente, de deixar de ser-para-outro. Essa luta passa, em um só movimento dialético, pela identidade latinoamericana e pela luta contra o capitalismo como raiz da opressão. (Chabalgoity, 2018, p.233)

Dito isto, segundo Chabalgoity (2018), existe uma diferença fundamental entre a luta de classes como formulada por Marx e Engels e a luta de classes adaptada por Freire em sua pedagogia. Enquanto para Marx o proletário é encarado sob a condição de subalterno, para Freire ele é visto como oprimido, nessa diferenciação reside uma diferença fundamental. Segundo o comentador, o proletariado enquanto subalterno, estaria sujeito à expropriação dos meios de produção e de sua mais-valia, mas ainda teria seu papel histórico, e sua consciência de si no processo social.

Dessemelhantemente, o oprimido latino-americano como descrito por Freire, ainda que afetado pelas condições econômicas e materiais de dominação, se depara com o problema de forma ontológica. Ou seja, a problemática não é apenas as condições materiais, mas a alienação de sua própria consciência e de seu ser. Portanto, a luta de classes como traduzida por Freire, não trata apenas de uma emancipação material, mas também de uma reapropriação do ser. Deixar de ser o ser-para-outro e se tornar o ser-para-si, é a única forma, segundo Freire de atender o chamado ao ser-mais.

Os desdobramentos do pensamento de Marx não se encerram na questão da luta de classes, assim como as leituras de Freire, e suas reverberações na sua própria pedagogia não se encerram nesse tema. Adiante veremos como influenciaram explicitamente a teoria de um psicanalista da chamada Teoria Crítica, corrente neomarxista, que pretendia assim como Freire e Marx explicar as relações sociais e promover a emancipação a partir do pensamento crítico e consciente.

Freire e Erich Fromm

Em *Educação como prática da liberdade* (1967), Freire nos fala sobre a passagem da sociedade fechada para uma sociedade aberta, segundo ele, o Brasil estaria, em sua época em trânsito, em um processo de transformação intrinsecamente ligada a transformação da consciência individual e da formação de um coletivo que se constitua enquanto comunidade, o que pressupõe um processo de libertação.

Porém, ao pressupormos um processo de libertação não podemos imaginá-lo como um processo facilmente aplicável e que se forma automaticamente, sob esse aspecto Freire evoca Fromm e a sua noção de medo à liberdade. Para Fromm, o homem se depara com a necessidade de decidir à todo momento, mas prefere não ter que decidir, assumindo assim uma postura de fuga da liberdade. Essa postura de medo, ocorre pelo ajustamento do homem em sistemas fechados, de servidão e submissão. Para Fromm essa servilidade que começou em um período feudal europeu, foi se transmutando em outras relações de acordo com as mudanças sociais.

Dessa forma, quando não tem um senhor para decidir por ele, o homem, procura uma igreja que decida, abolida essa autoridade da igreja, ele se volta ao estado, buscando um líder que escolha por ele, confiando em outrem ele não escolhe, mas espera que escolham; ele não tem consciência-de-si, mas se utiliza da consciência de outros. Para Freire, na sociedade brasileira, mesmo após o término do período colonial as condições de submissão continuaram se reproduzindo. Assim como os escravos não precisavam se preocupar em decidir, pois seus



senhores decidiam por eles, a sociedade que surgiu a partir da abolição não estava habituada a decidir, e assim se refugiavam em novas formas de autoritarismo, pela sua postura de obediência automática, e pelo receio do poder da escolha e da dificuldade da dúvida.

Para Fromm tendemos a fazer uma leitura negativa e uma leitura positiva da liberdade. Na negativa, vemos liberdade como a ausência, ausência do julgo de outrem, ausência de pressões externas, de privações. O autor não nega esse sentido de liberdade, mas afirma que só podemos ser verdadeiramente livres se entendermos e exercermos a liberdade de maneira positiva, segundo Fromm “a liberdade positiva consiste na atividade espontânea da personalidade integrada em sua totalidade” (Fromm, 1960, p. 211). Sendo assim a atividade espontânea seria:

(...) atividade livre do eu e implica, psicologicamente, o que significa literalmente o radical latino do termo, sponte: Por sua própria vontade. Por atividade não temos em vista “fazer alguma coisa, mas sim, a qualidade da atividade criadora que pode agir igualmente nas experiências emocionais, intelectuais e sensoriais da pessoa. Uma premissa dessa personalidade é a aceitação total e eliminação da repartição “razão e natureza”. Porque só se o homem não reprimir partes essenciais do seu ego, só ele se tornar transparente para si mesmo, e só as diferentes esferas da vida lograrem uma integração fundamental, é que será possível a atividade espontânea. (Fromm *apud* Lira, 2015, p. 46)

Nesse sentido vemos que para Fromm a atividade espontânea pressupõe não só a ausência de pressões ou comandos externos, mas uma completa harmonização do homem consigo mesmo, com os outros e com a natureza. Ainda para Fromm, a chave para a verdadeira liberdade seria o amor como aceitação da espontaneidade do outro, somente através dessa ligação e aceitação poderíamos, nos unir a outros em comunidades, e unirmos à natureza. O autor também afirma que a atividade espontânea, chave para a liberdade positiva resulta da criação de uma consciência que se afirme a partir das peculiaridades do ego, do seu próprio eu, e não na interiorização de exigências externas. Ainda ressalta o autor, que esse estágio de liberdade nunca foi alcançado na história humana, mas é um ideal a ser seguido pelas sociedades verdadeiramente democráticas.

Ainda seguindo esse ideal de liberdade, Fromm coloca a liberdade como a capacidade de escolher. Por essa via, o autor concorda com a moralidade kantiana ao afirmar capacidade de escolha, do que é bom ou ruim, deve ser pautada pela racionalidade do homem, que se confrontaria com as passionalidades e apenas a partir de uma conscientização seria educado o indivíduo a escolher pela reflexão sobre seus atos e pelos desdobramentos deles. Para nos aproximarmos de Freire, somente pela constituição dessa conscientização é possível a movimentação de uma consciência intransitiva, para uma consciência transitivo- ingênua e posteriormente crítica.

Relação do objeto de estudo com a pesquisa em Educação e eixo temático do COPED

O estudo dos textos de Paulo Freire, patrono da educação brasileira, se insere na pesquisa em Educação, visto que, o estudo desses textos orienta uma nova prática educativa, que por si só já se mostra como uma prática revolucionária. Uma vez que educar deve ser um ato consciente, de si mesmo e das relações sociais, buscar as bases do que compoem a prática educativa que é produzida por nós professores nas escolas, é um exercício de compreensão da relação indissociável entre teoria e prática, o que nos orienta em acordo ao Eixo 5 - Saberes e Práticas Educativas.



Considerações finais

A partir do estudo feito pudemos localizar no coração da obra maior de Paulo Freire a inspiração metodológica da dialética hegeliana. A partir daí inferimos que Freire, levando em consideração as condições históricas de seu povo, que ele queria ajudar a educar, reformulou essa proposta dialética adaptando-a e introduzindo nela outros elementos filosóficos. Pudemos notar também que o problema central tanto da dialética senhor/escravo quanto da dialética oprimido opressor é a questão da consciência, o que por sua vez é fio condutor das discussões lançadas em *A sociedade brasileira em transição*.

Concluimos também que assim como feito com a teoria hegeliana, Freire se apropria, de maneira seletiva e adaptativa da noção da luta de classes de Karl Marx, entretanto, conservando as diferenças históricas entre o proletariado europeu do tempo de Marx e o oprimido da sociedade brasileira marcada pela dominação colonial e seu deslocamento e alienação de sua própria história.

Seguindo com a proposta de uma *Educação como Prática da Liberdade* (1967) tentamos explicar na noção de liberdade para Fromm e a sua influência no pensamento de Freire, a partir de uma formulação de um conceito de liberdade, subsequentemente pela compreensão das raízes do medo à liberdade que são incorporadas por Freire seguindo a nossa história e formação social, e no que tange ao papel da conscientização como condição essencial à liberdade, traduzida por Freire em termos de uma educação libertadora.

Referências

- CHABALGOITY, Diego. A justificativa da Pedagogia do Oprimido 50 anos depois: elementos para uma necessária reflexão ontológica. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 228-242, maio/ago. 2018.
- FREIRE, Paulo. *A Sociedade Brasileira em Transição*. In: FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FROMM, Erich. **O medo à liberdade**. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1960.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 2004.
- LIRA, Aline Maria de. **Divergências e Convergências no Pensamento de Paulo Freire e Erich Fromm**. 2015. 88 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.
- SCHMIED-KOVARZIK, Wolfdietrich. **Pedagogia dialética: de Aristóteles a Paulo Freire**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- TORRES, Carlos Alberto. A dialética hegeliana e o pensamento lógico-estrutural de Paulo Freire. **Síntese**, v. 3, n. 7, p. 61-78, jan. 1976.
- WOHLFART, Jeferson Augusto. Filosofia e educação: diálogo entre Hegel e Paulo Freire. **Revista Práxis**, Marau, v. 1, n. 1, p. 64-78, jan./dez. 2015.